

Diante destes questionamentos, o presente estudo tem como objetivo, sensibilizar professores, pais e alunos quanto à necessidade a importância da “Orientação Sexual” para o desenvolvimento integral do indivíduo, visando não só tratar dúvidas emergentes na escola, mas, sobretudo, subsidiar e viabilizar ações e trabalhos conjuntos no futuro. Para tanto, foram realizadas Oficinas de Trabalho com 400 adolescentes da E.M.P.S.G. “D. Luís do Amaral Mousinho” do município de Ribeirão Preto, onde contamos com uma equipe multidisciplinar que atuou com dinâmica de pequenos grupos, durante 04 dias, nos períodos da manhã, tarde e noite. A temática abordada nos grupos estava de acordo com suas próprias necessidades (aparelho reprodutor, fecundação, gravidez, dentre outros).

O processo metodológico adotado é de natureza qualitativa utilizando a técnica de entrevista semi-estruturada e observação livre. Foram entrevistados adolescentes, pais e professores.

A análise realizada permitiu identificar o significado da sexualidade humana entre os atores sociais e as implicações destes no contexto social.

SUMMARY

We understand that the child and the adolescent are parts of human society and they were viewed, in each historic period, in different manners. We also understand that childhood and adolescence are distinct fases of human development marked by singularities that differentiate them from adulthood and from elderly people.

As *health* and *education* professionals, we feel that questions concerning human sexuality are not discussed among family members, creating doubts, insecurity, preconception and taboo. In this way, as the family are not comfortable to handle openly with sexuality, “Sexual Education” is a matter that must be “worked” at school.

Facing these questions, this work aims to sensitize teachers, parents and students to the need and to the importance of “Sexual Education” concerning the whole development of an individual human being, trough not only to handle emergent doubts, but most of an to subside and make possible action and close works in the future.

So, it was realized a Workshop with 400 adolescents from the school named “D. Luis do Amaral Mousinho” in Ribeirão Preto, where we worked with short groups during 4 days in the morning, afternoon and at

night. The main speech was according to the needs of each group (reproducing system, fecundation, pregnancy, among others).

We chose the metodologic process of qualitative nature and we use the semi-structured interview and free observation. We interviewed adolescents, parents and teachers.

This study made possible to identify the meaning of human sexuality among social workers and what they mean in the whole social context.

1. INTRODUÇÃO

O homem nasce com uma estrutura cognitiva que lhe permitirá desenvolver uma sexualidade que, assim como a inteligência, será constituída a partir das possibilidades individuais e de sua interação com o meio e a cultura. Sendo a sexualidade algo que se constrói e aprende, parte integrante do desenvolvimento da personalidade, capaz de interferir no desempenho escolar, as questões da sexualidade não se resumirão na solução de questões emergentes, mas num continuo Programa de Orientação Sexual a nível de família, escola e sociedade.

O Objetivo de se estudar as experiências afetivas, relações familiares, influências do meio cultural e estímulos sexuais dos adolescentes das escolas de primeiro grau no município de Ribeirão Preto, resultou das questões abordadas pelos profissionais da Saúde e Educação, no Programa de Assistência Primária de Saúde Escolar - PROASE.

Estas questões não são abordadas no cotidiano, no contexto familiar, gerando dúvidas, insegurança, preconceitos e tabus. "O jovem recebe, através dos meios de comunicação, solicitações sexuais fragmentadas, de acordo com os interesses do consumo. Isso contrapõe-se a um grande silêncio das vows educativas que, na escola se calam, e na família, se esfriam." (GUIMARÃES, 1995)

Para FERRIANI (1994), o desconforto em lidar abertamente com a questão da sexualidade, faz com que a família empurre a "Educação Sexual" para a escola.

Segundo o Fórum Nacional de Educação e Sexualidade, o trabalho de Orientação Sexual procura ajudar crianças e adolescentes a terem uma visão maior da sexualidade, a desenvolverem uma comunicação clara nas relações interpessoais, a elaborarem seus próprios valores a partir de um Pensamento crítico, a compreenderem o seu comportamento e do outro e a tomarem decisões responsáveis a respeito de sua vida sexual.

Na Orientação Sexual incluímos todo o processo informal pelo qual aprendemos sobre a sexualidade ao longo da vida, seja através da família, da religião, da comunidade, da escola, dos livros e da mídia.

De acordo com CONCEIÇÃO (1988), o papel da escola na formação do homem é pequeno quando comparado àquele exercido pela família, mas pode ser bastante significativo se, em Programas bem dirigidos, for a única fonte de orientação. Por isso a escola, como educadora, não deve ser desprezada ou ignorada.

Nas últimas quatro décadas, as experiências têm demonstrado que um enfoque integrado da Educação e da Saúde no âmbito escolar com relação às questões da sexualidade tem uma grande influência nos valores, conhecimentos, atitudes e práticas dos estudantes.

Segundo MARTA SUPPLY (1988), no início do século começaram as preocupações com a Educação Sexual no Brasil, com intenções higienísticas e médicas. Combatia-se a masturbação, as doenças venéreas e preparava-se a mulher para o papel de esposa e mãe, sempre com objetivos de “saúde pública” e de “moral sadia”, procurando assegurar a saudável reprodução da espécie.

Por outro lado, na prática diária vivencia-se que a direção da escola, professores, funcionários, sentem que estão vivendo em desarmonia com regras previamente estabelecidas pela sociedade; que os valores pessoais são sedimentados, crenças fortes existem a respeito de questões importantes, tais como: gravidez de adolescentes, masturbação, revistas pornográficas, namoro, dentre outros...

A literatura consultada mostra que nesta fase da vida os grupos de amizades são mistos, determinam um código de postura e valores para os seus membros, surgem as relações afetivas de namoro a iniciação sexual, o que constatamos em nossa prática.

Sabe-se que o homem desde o seu nascimento sofre transformações internas (fisiológicas e emocionais) e externas (psicossociais e culturais) que se moldam num processo contínuo.

O conceito de adolescência, do latim “adolescência”, é o período da vida humana que sucede a infância, marcado por intensos processos conflituosos e persistentes esforços de auto-afirmação. Corresponde a fase de absorção de valores sociais e elaboração de projetos que implicam na plena integração social.

Outro autor como VITENO (1988), caracteriza o adolescente como indivíduo que se encontra em fase peculiar de transição biopsicossocial, período caracterizado por transformações biológicas em busca de uma definição de seu papel social, determinado pelos Padrões culturais de seu meio.

As reações dos adolescentes às mudanças citadas são as mais diferentes possíveis, cada um reagindo à sua maneira, com características próprias. Não há porque se assustar com estas reações, pois se bem relacionados, estes adolescentes buscarão soluções para seus próprios problemas.

Neste período de formação de identidade, as pessoas que se relacionam com esses adolescentes (pais, professores, agentes de saúde) se tornam espelho, a esta imagem deve ser límpida, clara, objetiva, transparente e afetiva.

Pressupõe-se que através das relações interpessoais, os adolescentes poderão viver plenamente sua sexualidade.

Porém, o que se observa hoje, é que a “Educação Sexual” realizada em nossa sociedade é arraigada em tabus e preconceitos, estruturada em indivíduos oprimidos e insatisfeitos, tentando modelar o adolescente igualmente à geração anterior.

Segundo GUIMARÃES (1995) o medo, a culpa, ligados ao sexo, tem suas raízes nos tabus que o homem impôs. A sensibilidade, a afetividade, são recursos profundos que estabelecem um princípio humanizador, em oposição à animalidade desordenada.

Diante destes questionamentos, baseando-se nesses pressupostos, o presente estudo tem como objetivo: *identificar* a percepção de professores, funcionários e alunos quanto à necessidade e importância da “Orientação Sexual” para o desenvolvimento integral do indivíduo, visando não só tratar dúvidas e problemas emergentes na escola, mas, sobretudo, subsidiar e viabilizar ações e trabalhos conjuntos no futuro.

2.PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1. Referencial Técnico Metodológico

Orientamos o desenvolvimento deste estudo de forma a privilegiar uma leitura qualitativa da investigação, cuja natureza se propõe a uma compreensão particular daquilo que se estuda, sem se preocupar com generalizações, princípios ou leis. Consideramos o sujeito de estudo, gente em determinada condição social, pertencente a determinado grupo ou classe social, com suas crenças, valores e significados. Trata-se de um estudo

descritivo-analítico e a nossa opção por essa natureza de pesquisa se deve ao fato de entendermos que para aprender a percepção dos adolescentes, professores e funcionários sobre a questão da sexualidade, faz-se necessário uma metodologia qualitativa.

Compreendendo a Pesquisa Qualitativa, “como sendo capaz de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerente aos atos, às relações e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas, tanto no seu advento, quanto na sua transformação, como construções humanas significativas”. (MINAYO, 1992)

2.2. Campo de Estudo

O Programa de Assistência Primária de Saúde Escolar - PROASE, encontra-se inserido em 94 escolas públicas do município de Ribeirão Preto. O programa é desenvolvido por uma equipe multidisciplinar tanto a nível de escola quanto a nível de ambulatórios (UBSs), Delegacias de Ensino a comunidade.

Dentre as diversas atividades desenvolvidas por esta equipe multidisciplinar, uma refere-se ao “Programa do Adolescente”, que é desenvolvido através da formação de grupos com alunos que freqüentam a escola.

Este estudo foi realizado em uma escola de primeiro e segundo grau, do município de Ribeirão Preto, que conta com 3.800 alunos. Esta escola localiza-se na área central da cidade, possui um bom nível de ensino e sua população é heterogênea sócio-economicamente, pois parte significativa dos alunos, cujas mães trabalham nas imediações, são provenientes de bairros da periferia.

Foram montadas oficinas de trabalho com os adolescentes durante quatro dias, perfazendo uma carga horária de 16 horas. Participaram destas oficinas 400 adolescentes, sob coordenação de uma equipe multidisciplinar, composta de 12 enfermeiras, 02 assistentes sociais, 01 médica ginecologista e obstetra, 01 pedagoga, 02 professoras, 02 psicólogas e 08 graduandos de último ano do curso de psicologia da Universidade de São Paulo.

Os temas desenvolvidos nas oficinas foram levantados pelos próprios alunos em encontros informais e pelas necessidades emergentes sentidas na escola.

Percebemos o grande interesse manifestado pelos adolescentes nas questões relativas à Sexualidade Humana e isto nos fez agrupar os seguintes temas:

- a) Anatomic e Fisiologia do Aparelho Reprodutor Masculino e Feminino;
- b) Menstruação;
- c) Fecundação;
- d) Métodos Contraceptivos;
- e) Gravidez na Adolescência;
- f) Namoro;
- g) DST/AIDS;
- h) Auto-Estima e Valorização do Ser Humano.

Em cada sala de aula, com aproximadamente 25 alunos, trabalhávamos com dois coordenadores. As técnicas utilizadas para o desenvolvimento das oficinas foram de sensibilização e integração, criatividade e reflexão, sempre em dinâmicas de pequenos grupos.

De acordo com cada temática foram utilizadas técnicas e recursos psicodramáticos a saber:

- a) Dramatizações;
- b) Grupos de estudos;
- c) Redações coletivas;
- d) Diálogos;
- e) Uso de slides;
- f) Filmes, dentre outros.

Após cada oficina, realizávamos entrevistas com os alunos, e para tanto elegeu-se a técnica de entrevista semi-estruturada, que foi planejada e executada pelos próprios pesquisadores, agilizando esta etapa da pesquisa e conferindo maior cientificidade aos dados coletados para análise. O instrumento de coleta de dados permitiu aos entrevistados responderem as questões de acordo com o seu próprio quadro de referência.

Todas as entrevistas foram gravadas com permissão dos atores sociais e posteriormente transcritas. As entrevistas foram realizadas por um das pesquisadoras e tiveram duração mínima de dez minutos, não ultrapassando vinte minutos.

Após o término de cada oficina foram entrevistados 20 adolescentes, sendo 02 de cada sala, 05 coordenadores das dinâmicas, 05 professores, totalizando 30 entrevistados.

3. ANÁLISE DOS DADOS

Após várias leituras do material coletado adotou-se como procedimento de análise as falas de diferentes atores sociais entrevistados; onde extraiu-se dois aspectos: Família e Sexualidade (noções).

Ao citarmos fragmentos das falas, identificamos os sujeitos com números correspondente a cada uma das entrevistas (E-1, E-2, etc.)

3.1. Família

Ao estudarmos este aspecto verificamos que, em síntese, os atores sociais entendem que a família se sente insegura e incapaz para lidar com a sexualidade. Nos depoimentos há constantes referências a esta insegurança, como podemos observar nas declarações abaixo:

- A minha mãe acha muito importante tratar desse assunto aqui na escola, lá em casa todo mundo tem vergonha de falar sobre isso (E-5);

- Dão o maior apoio, a mãe fica acanhada de falar de sexo, então sabe que a escola está fazendo (E-2);

- Comentei com meus pais sobre o encontro na escola, foi coisa rápida... comento com meu irmão, com os meus pais, mas me abro mais com meu irmão (E-14);

- Acho importante a criança ter orientação a respeito da sexualidade tanto familiar quanto na escola, mas no meu tempo isto não existia, eu praticamente casei sem conhecer o que era sexo, foi muito difícil, me senti muito revoltada... tenho revolta até hoje na minha vida por não saber o que era isso. Quando minha filha menstruou eu nem consegui falar com ela sobre isto... parece que fiquei bloqueada... (E-25).

Neste sentido os pais, quando os filhos entram na adolescência, têm dificuldades de abordar temas pertinentes à sexualidade.

O assunto "sexo" ainda é um tabu em nossa cultura e observa-se que é nesta fase que a interferência do adulto se faz mais presente, mas é bloqueada por estes preconceitos.

Para KNOBEL (1993), o adulto que teve obstáculos com sua sexualidade infantil está mais predisposto a reprimir a incipiente genitalidade adolescente, distorcendo sua imagem do mundo afetivo. Observa-se nos depoimentos que os pais dão muita importância à educação de seus filhos e atribuem à escola um papel que vai desde alfa-

betização e transmissão de conhecimentos acadêmicos até a formação de atitudes de ordem social.

Por outro lado, compreendemos que o adolescente não pode ser entendido como ser humano isolado; pertence a uma família que sofre tanto quanto ele, múltiplas determinações sócio-econômicas, como também, ambos são submetidos aos papéis determinados pela sociedade.

Segundo MINAYO (1990), encarar a adolescência apenas como uma etapa da vida humana, revela uma visão reducionista, uma vez que “parece-me idealista falar da adolescência em abstrato como está sendo frequentemente colocado nas abordagens biopsíquicas, onde os caracteres funcionais e subjetivos são pensados como paradigmas generalizantes, retirados certamente das concepções dominantes de *ser humano, de indivíduo a de norma social*”.

A relação adolescente, família e sociedade é uma tríade intimamente ligada. Para alguns autores, como KNOBEL (1992), a família é o núcleo da sociedade, “é na família que se aprende hábitos de vida, produto de uma convivência natural e que, a compreensão das reais necessidades dos jovens é imprescindível à prevenção de muitos problemas”.

3.2. Sexualidade (Noções)

Observamos em síntese, nos depoimentos dos atores sociais, que os adolescentes apresentam dúvidas sobre a sua sexualidade.

Os assuntos pertinentes a essa temática abordados nas oficinas pelos profissionais da saúde, foram de extrema importância para os adolescentes pois, muitas vezes, suas dúvidas foram esclarecidas.

Exemplificando, citamos os seguintes fragmentos de suas falas:

- Muita coisa eu não sabia... que pode se evitar a gravidez olhando a mucosa vaginal... (E-6);
- Achei importante ser discutido estes assuntos... não quero engravidar, eu tenho relações sexuais... (E-7);
- Entendi porque as mudanças físicas ocorrem na gente... Achei muito bom, ela falou muito bem explicado ...(E-11);
- Achei importante na nossa idade se falar sobre estes assuntos, nos orientarem, pois só falamos com as amigas, tenho muitas dúvidas... (E-2):

- Muitas doenças eu não conhecia, estou achando todos os temas abordados muito interessantes, essas coisas deveriam ser tratadas mais vezes... (E-9);
- Mostrou muitas coisas que tínhamos dúvidas, coisas que não se fala em sala de aula, em casa, sobre menstruação, camisinha, aborto, muita coisa foi esclarecida... (E-18);
- Achei que os adolescentes, tinham dúvidas e vergonha de perguntar, pediam para os outros perguntarem. Achei que eles precisam se soltar mais, embora tenham feito muitas questões... (E-21);
- As questões que os adolescentes mais jovens trazem são questões de coisas que eles ainda não vivenciaram e que não tem experiências... (E-22);
- É um trabalho bom, importante fazer mais vezes até com uma certa frequência... (E-27);
- Os adolescentes desconheciam o assunto. muitas coisas que estava falando era novo para eles... (E-24).

Observamos no discurso destes atores sociais a necessidade de se compreender as concepções de sexualidade e orientação sexual. Neste sentido, existe uma tarefa fundamental dos profissionais da educação e da saúde que atuam na comunidade escolar, que é a de construir juntos um trabalho de reflexão crítica que possa levar a uma mudança nas concepções ligadas à sexualidade, mas também, a uma transformação do trabalho desenvolvido na escola com vistas a um real processo de democratização educacional em todos os níveis.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

1. Pensamos que estas oficinas não têm a pretensão de sanar as questões emergentes relativas à sexualidade, mas desencadear discussões no sentido de propor um trabalho educativo de forma horizontal, onde educadores e educandos passem por um processo de aprendizagem, formação, cooperação, discussão e reflexão.

2. O objetivo das oficinas sobre sexualidade é a criação de um espaço que ofereça ao adolescente a oportunidade de discutir emoções e valores, estabelecer idéias próprias sobre a vida sexual, conhecer e aprender a respeitar o seu próprio corpo, valorizar sua auto-estima, seus sentimentos e os das outras pessoas, e obter informações.

3. Observamos que as temáticas abordadas nas oficinas eram retomadas em outras atividades oferecidas pela escola.

4. As dinâmicas de grupo, ao mesmo tempo que dinamizam as atividades, incorporam, problematizam e elaboram as questões próprias da idade.

5. Acreditamos que a educação problematizadora demanda uma reflexão da realidade, que poderá propiciar ao adolescente uma compreensão maior sobre os aspectos biopsicossocial e sexual que o envolve.

6. Partindo deste contexto, entendemos que a compreensão da Sexualidade Humana deverá ser amplamente discutida dentro de nossas escolas-por professores, pais e alunos, possibilitando maior conhecimento sobre o assunto.

7. Os educadores, elementos que entram em contato direto e indireto com o adolescente, devem periodicamente reavaliar suas condições e posturas de elementos essenciais para a orientação sexual, submetendo-se a reciclagens e até mesmo, se necessário, à capacitação para tal tarefa. uma vez que demonstrem potencial a ser desenvolvido.

8. No contexto da atual realidade social, a maioria das famílias têm demonstrado não ter condições para elaborar de forma satisfatória a educação sexual de seus filhos. Os pais, muitas vezes frágeis e inseguros em sua própria sexualidade, não conseguem aprender o que vem sendo discutido com os adolescentes e ir ao encontro da atuação da escola, portanto, fica evidenciada a necessidade de se integrar a família nestas oficinas.

9. A família deve ser participante e conhecer a orientação sexual que os adolescentes estão recebendo, e dessa forma ampliar o seu próprio conhecimento sobre a Sexualidade Humana, assim preparando-se para ser um elemento colaborador da escola, com vistas a um real processo do democratização educacional em todos os níveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABRÃO, H. *Doenças sexualmente transmissíveis: saiba evitá-las*. Editora Lê. Belo Horizonte, 1998.
2. CASTENS, E. *O direito a contracepção: os métodos anticoncepcionais e o seu uso na prática*. Dinalivro Editora, Lisboa, 1978.
3. GUIMARÃES, I. *Educação sexual na escola*. Ed. Mercado de Letras. Rio de Janeiro, 1992.
4. LOPES, G. *Sexualidade humana*. 2ª Ed. Editora Medsi, Rio de Janeiro, 1992.
5. MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento. metodologia da pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo/HUCITEC. 1992, 269 p.
6. PETRI, V. *Doenças de transmissão sexual*. In: São Paulo Secretaria de Estado da Saúde. Comissão de Saúde do Adolescente. *Adolescência e Saúde*. São Paulo: Editorial Paris, 1988.
7. VITIENO, N. et al. *Adolescência hoje*. Roca Editora. São Paulo, 1988.
8. VITIELLO, N. *Reprodução e sexualidade*. Ed. CEICH, São Paulo, 1994.
9. Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual (GTPOS) *Guia de Orientação Sexual: Diretrizes e Metodologia Adaptação 2ª Edição*, Casa do Psicólogo, São Paulo, 1994.
10. FERRIANI, M. G. C., et al. Opinião dos escolares adolescentes sobre a realização de grupos de discussão. *Rev. Bras. Sexualidade Humana*, São Paulo, v. 5, nº 2, pp. 193-203, 1994.
11. TRIVINÓS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais. A pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo. Atlas, 1992.